

18-11-2024

EXTRAÇÃO DOLOROSA: O NIÓBIO EM GOIÁS

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

“Quando meu pai vendeu a terra onde está localizada a mina Boa Vista ele não sabia o que existia debaixo, no subsolo. Desde então, sai nióbio de lá vinte e quatro horas por dia. Em cada segundo, minuto, hora e dia há máquinas ligadas, aceleradas, desmedidas e arrancando minério do fundo da terra. Mas, para nós restaram apenas as perdas. Já se passaram mais de vinte anos de perdas. Perdemos a terra, perdemos as roças que plantávamos, perdemos o lugar onde nascemos, perdemos o lugar de nossa infância. É uma história de perdas, é uma história dolorosa”. Essas palavras foram ditas por uma mulher que viveu a infância na Comunidade Coqueiros, município de Catalão, localizado na região sudeste de Goiás, com a família de agricultores familiares. Quando o pai dela vendeu as terras para uma empresa mineradora, saíram da Comunidade e foram viver em bairros operários da cidade de Catalão. Esse deslocamento espacial foi também simbólico, social e econômico. O pai morreu sem ter outra terra onde plantar e colher. Os filhos não compraram nem terra nem casa e passaram a viver em moradia alugada. Com efeito, quando ela relata a trajetória de perdas vividas por sua família, refere-se à mineração como uma atividade que extrai o minério e tritura histórias, sentimentos e vidas. A mineração representa, neste sentido, uma extração dolorosa¹.

A economia dependente da extração de minérios e exportação de *commodities* funda-se no cercamento e na extrema exploração da natureza. Extrair bens naturais e transformá-los em mercadorias é um dos principais eixos do regime de acumulação capitalista contemporâneo. Com efeito, isso ocorre com o nióbio de Catalão. Por outro lado, a economia extrativista avança em outras escalas de exploração da natureza e do ser humano. Economistas, sociólogos, geógrafos, comunicólogos, e demais profissionais de vários campos científicos, têm afirmado que se vive hoje uma etapa do capitalismo baseada no extrativismo de dados, na trama dos algoritmos. Esse extrativismo retrata uma ambição inédita das sociedades mundializadas: expor, a despeito de diferenças religiosas, culturais, de crenças e de pontos de vista ideológicos, todos os sujeitos ao comando das redes moduláveis.

O sequestro dos dados se funda no sequestro da atenção e do tempo, no sequestro dos diferentes patamares sociais e culturais de sujeitos expostos à servidão imposta pela “superindústria do imaginário” (Bucci, 2021).

A economia da atenção lucra bilhões extraindo dados, que para Bucci (2021), podem ser considerados o novo petróleo do século XXI. Pois bem! Estão em curso as distintas faces da violência extrativista que garantem o funcionamento do capitalismo contemporâneo. No caso da extração dolorosa promovida pelo megaempreendimento de nióbio em Catalão, o modelo de mineração instala a violência do regime de acumulação global em territórios locais.

Enquanto isso, os sujeitos originários das comunidades rurais perdem terras, pertencimentos, laços comunitários e vínculos de vizinhança. A necessidade de minérios representada pelo atual momento da história do capitalismo territorializa a máquina extrativista e expropriadora de outras racionalidades ambientais, econômicas e culturais de relação com as paisagens, os ecossistemas, as águas e as terras. As pesquisas de campo que realizamos desde 2012 em comunidades rurais de Catalão, situadas espacialmente no entorno das minas Boa Vista e Chapadão, explicitam os sofrimentos provocados pelo modelo de mineração em Goiás e no Brasil.

Com base em observações diretas realizadas em outubro de 2024 constatamos que as dores nos territórios minerados são distintas. Além das perdas de terras e de pertencimentos, ocorre o adoecimento de agricultores familiares, a expropriação forçada para espaços urbanos, o alcoolismo, a depressão e o sentimento contínuo de perda. Isso resulta no desmapeamento emocional como expressão do sofrimento físico e psíquico. Demonstra, assim, que o modelo de mineração fratura e desestabiliza os territórios e os sujeitos que neles vivem. Um regime de desestabilização territorial, físico e emocional é intrínseco ao que denominamos de “extração dolorosa” provocada pela mineração de nióbio. O setor extrativo mineral ocorre ferindo a terra com suas águas, solos, fauna e flora; avança ferindo também o corpo e a alma de populações locais e trabalhadores.

Por consequência, viver no entorno de megaempreendimentos minerários ou ser expropriado por eles explicita que o sofrimento em espaços minerados ocorre em diferentes escalas do território e do corpo humano. O domínio das empresas mineradoras sobre terras e territórios destitui os sujeitos das comunidades rurais e das formas de trabalho preexistentes. A expropriação dos espaços rurais de agricultura familiar desloca saberes e fratura habilidades laborais.

Ao invés de cuidar de animais, dos roçados, dos quintais, do manejo doméstico da água e do solo, a expropriação forçada leva homens e mulheres a serem seguranças de hotéis, trabalhadores informais, chapas, comerciários e feirantes. Isso provoca uma espécie de susto social. Alguns desses trabalhadores sentem-se humilhados, submissos, perdidos no regime do trabalho competitivo, o que antes não acontecia. Podemos dizer que há, assim, uma mudança ontológica, uma fratura irreparável no ser desses sujeitos.

Em resumo, a extração dolorosa representada pela mineração de nióbio sintetiza as contradições do modelo de acumulação capitalista e o modo como os lugares e os sujeitos são expostos à violência extrativista. A extração dolorosa é a síntese do modelo de mineração predatório vigente em Goiás e no Brasil.

■ ■ ■

Referências: Silva JG. *A Modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. // Bucci E. *A superindústria do imaginário*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Nota: 1. A noção de “Extração dolorosa” foi inspirada em José Graziano da Silva, que criou o termo “modernização dolorosa” em referência à modernização da agricultura no Brasil. (Silva, 1982).

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.